



***ESTUDOS DE GÊNERO E SEXUALIDADES EM EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA NO BRASIL: INDÍCIOS DA CONSOLIDAÇÃO DE UM CAMPO***

***ESTUDIOS DE GÉNERO Y SEXUALIDAD EN LA EDUCACIÓN
MATEMÁTICA EN BRASIL: INDICACIONES DE LA CONSOLIDACIÓN DE UN
ÁMBITO***

***GENDER AND SEXUALITY STUDIES IN MATHEMATICS EDUCATION
IN BRAZIL: SIGNS OF THE CONSOLIDATION OF A FIELD***

*Glauber Carvalho da Silva¹
Agnaldo da Conceição Esquincalha²*

RESUMO

Nas últimas décadas, diversas têm sido as transformações advindas das questões de gênero e sexualidades no âmbito social, que por sua vez, impactam o contexto educacional brasileiro, que reflete os anseios e demandas sociais. Diante disso nos propomos a buscar por indícios da consolidação do campo dos Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática. Desse modo, este artigo é orientado pela seguinte questão: como tem se consolidado o campo dos Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática? Com objetivo de tratar nosso problema de pesquisa, inicialmente apresentamos alguns entraves para que as discussões sobre gêneros e sexualidades ocorram na Educação Matemática. Então, apresentamos e analisamos três eventos acadêmicos, que oportunizaram tais discussões, a saber: III Encontro Nacional de Educação Matemática Inclusiva (ENEMI), XI Congresso Internacional de Diversidade Sexual, Etnicorracial e de Gênero (CINABETH), 1ª Escola de Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática (E²GSEM). Desse modo, compreendemos que uma virada sociopolítica tem ocorrido na Educação Matemática Brasileira, de modo a alargar as estacas do campo, permitindo a constituição e consolidação deste novo campo. **PALAVRAS-CHAVE:** Educação Matemática no Brasil. Estudos de Gênero e Sexualidades. Campo de Pesquisa. Eventos científicos.

¹ Licenciando em Matemática. Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil.

² Doutor em Educação Matemática. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

RESUMEN

En las últimas décadas, se han producido varias transformaciones derivadas de las cuestiones de género y sexualidad en el ámbito social, lo que a su vez impacta el contexto educativo brasileño, que refleja deseos y demandas sociales. Ante esto, nos proponemos buscar señales de consolidación del campo de Estudios de Género y Sexualidad en la Educación Matemática. Por lo tanto, este artículo se guía por la siguiente pregunta: ¿cómo se ha consolidado el campo de los Estudios de Género y Sexualidad en la Educación Matemática? Para abordar nuestro problema de investigación, presentamos inicialmente algunos obstáculos a las discusiones sobre género y sexualidad que tienen lugar en la Educación Matemática. Luego, presentamos y analizamos tres eventos académicos que brindaron oportunidades para tales discusiones, a saber: III Encuentro Nacional de Educación Matemática Inclusiva (ENEMI), XI Congreso Internacional de Diversidad Sexual, Étnico-Racial y de Género (CINABETH), 1ª Escuela de Estudios de Género y Sexualidad en Educación Matemática (E²GSEM). De esta manera, entendemos que se produjo un giro sociopolítico en la Educación Matemática brasileña, con el fin de ampliar los intereses del campo, permitiendo la constitución y consolidación de este nuevo campo. **PALABRAS-CLAVE:** Educación Matemática en Brasil. Estudios de Género y Sexualidad. Campo de investigación. Eventos científicos.

ABSTRACT

In recent decades, there have been several transformations arising from gender and sexuality issues in the social sphere, which in turn impact the Brazilian educational context, which reflects social desires and demands. In view of this, we propose to search for evidence of the consolidation of the field of Gender and Sexuality Studies in Mathematics Education. Thus, this article is guided by the following question: how has the field of Gender and Sexuality Studies in Mathematics Education been consolidated? In order to address our research problem, we initially present some obstacles to discussions on gender and sexuality occurring in Mathematics Education. Then, we present and analyze three academic events that provided opportunities for such discussions, namely: III National Meeting on Inclusive Mathematical Education (ENEMI), XI International Congress on Sexual, Ethnic-Racial and Gender Diversity (CINABETH), 1st School of Gender and Sexuality Studies in Mathematical Education (E²GSEM). Thus, we understand that a sociopolitical shift has occurred in Brazilian Mathematics Education, in order to broaden the scope of the field, allowing the constitution and consolidation of this new field.

KEYWORDS: Mathematics Education in Brazil. Gender and Sexuality Studies. Research Field. Scientific Events.

* * *

Não queimem as bruxas (Não queimem)

Mas que amem as bixas, mas que amem

Clamem, que amem, que amem

Linn da Quebrada

Introdução

É com a epígrafe acima que desejamos iniciar as provocações e discussões deste artigo. Queremos ressaltar a impreteribilidade de sensibilizar o campo da Educação Matemática às questões de gênero e sexualidades. Evocamos, portanto, a voz de cada pessoa dissidente das cis-heteronormas que não ousou buscar formação no campo da Matemática por entender que esse lugar não comportaria corpos como o seu para convocar a realização de pesquisas desobedientes e libertárias no campo aqui delimitado, pois concordamos com Rochelle Gutiérrez³ (2013, p. 39, tradução nossa) quando ela diz “eu defendo que é a partir da visão de pessoas e comunidades subordinadas que aprenderemos como repensar a educação matemática”⁴.

Afinal, conforme mostram Hygor Batista Guse e Agnaldo da Conceição Esquinca (2022), a partir de um levantamento bibliográfico considerando anais de eventos nacionais e internacionais, teses, dissertações e artigos em periódicos, nota-se uma falta de investigações na Educação Matemática que interpelam os Estudos de Gênero. Cabe mencionar que Adriana Piscitelli, Iara Beleli e Maria Margaret Lopes (2003, p. 243, grifos nosso), ao falarem da consolidação do campo dos Estudos de Gênero a partir da revista *Cadernos Pagu*, já alertavam

Estamos em um momento em que se coloca a necessidade de revisões e levantamentos mais abrangentes que mapeiem as publicações existentes, de modo a permitir identificar as principais tendências do campo, as orientações teórico-metodológicas, *as áreas disciplinares preferidas em detrimento de outras preteridas ao longo desse processo.*

Para mais, com a concepção de gêneros e sexualidades como categorias construídas social e culturalmente, portanto situadas no espaço-tempo (Guacira Lopes Louro, 2008; 2011; 2023; Adriana Piscitelli, 2009), se nota uma pulverização de compreensões atuais acerca de tais marcadores sociais da diferença – conceito que utilizaremos segundo Heloísa Buarque de Almeida, Júlio Assis Simões, Laura Moutinho

³ Sempre que referenciarmos pela primeira vez alguma autore, o faremos com nome completo, a fim de oferecer mais visibilidade e não reforçar um sistema patriarcal de referenciamento que privilegia apenas o último sobrenome. Nessa mesma perspectiva, como Louro (2011) já nos alertava sobre a não ingenuidade no uso das palavras, adotamos uma linguagem não binária em gênero como um posicionamento político, que compreende gênero como multifacetado e, portanto, está para além da binariedade entre feminino e masculino.

⁴ “I argue that it is from the views of subordinated individuals and communities that we will learn how to rethink mathematics education” (Gutiérrez, 2013, p. 39, original).

e Lília Moritz Schwarcz (2018, p. 19) e sugere as diferenças como “socialmente instituídas”. Nesse sentido, as identidades podem ser lidas como frutos de uma (des)construção constante (Cássia Cristina Furlan; Eliane Rose Maio, 2016) e es indivíduos podem ser dotados de múltiplas identidades. Essa pluralidade por sua vez é atravessada por barreiras estabelecidas com um entrelaçamento de redes de poderes que produzem normas e, portanto, institui a diferenciação, separação e categorização do “outro” (Louro, 2011; 2023).

Portanto, é da necessidade de borrar as fronteiras estabelecidas, tornar-se sujeitos nômades⁵, que surgem as indagações que serão destacadas neste trabalho. Consideramos salutar o processo de desconstrução das dicotomias e binariedades, como entre os gêneros (masculino versus feminino) e orientações sexuais (heterossexualidade versus não-heterossexualidade), especialmente presente no campo da Educação Matemática. Afinal, esses polos opostos sugerem uma lógica de hierarquização, dominância, e produz hegemonias, de modo a inferir processos de deslegitimação das identidades e (sobre)vivências de sujeitos que delas fogem (Guacira Lopes Louro, 2014) e, então, ditar quais corpos poderiam ocupar as ciências ditas exatas.

Ademais, Louro (2008, p. 19) pontua que

Transformações são inerentes à história e à cultura, mas, nos últimos tempos, elas parecem ter se tornado mais visíveis ou ter acelerado. Proliferaram vozes e verdades. Novos saberes, novas técnicas, novos comportamentos, novas formas de relacionamento e novos estilos de vida foram postos em ação e tornaram evidente uma diversidade cultural que não parecia existir. Cada vez mais perturbadoras, essas transformações passaram a intervir em setores que haviam sido, por muito tempo, considerados imutáveis, trans-históricos e universais.

A autora ainda explica que essas intervenções podem ser percebidas, por exemplo, com a reivindicação dos movimentos sociais num (re)pensar dos currículos das escolas e universidades. Com isso, a noção de um currículo vivo (Sandra Mara Corazza, 2012), que afeta tanto quanto é afetado (Corazza, 2010), ajuda a compreender a possibilidade de mudanças solicitadas por muitos desses movimentos. No âmbito das discussões sobre gêneros e sexualidades, concordamos que “Não se engajar com estas possibilidades de mudanças poderia não apenas intensificar o impacto do heterossexismo em jovens

⁵ Expressão tomada por Furlan e Maio (2016) para se referir à complexidade e multi-dimensão do sujeito; se refere aqueles que questionam e subvertem as normas.

LGBT+⁶, mas ser prejudicial de diversas maneiras para todos os estudantes”⁷ (Dennis A. Francis, 2017, p. 2, tradução nossa).

No entanto, segundo uma lógica de neutralidade da Matemática – que problematizaremos adiante –, os cursos de licenciatura em Matemática ainda carecem de debates que tratam as questões de gênero e sexualidades positivamente (Hygor Batista Guse; Tadeu Silveira Waise; Agnaldo da Conceição Esquincalha, 2020). Isso é evidenciado, por exemplo, segundo a demanda de formação complementar nessa temática, a fim de preparar professorias que ensinam Matemática para lidarem com tais questões (Glauber Carvalho da Silva; Agnaldo da Conceição Esquincalha, 2023).

Não obstante, pontuamos que não se nega as diversas transformações, frente os marcadores gênero e sexualidade, no campo da (Educação) Matemática. Longe disso, nesta pesquisa nos orientamos pela seguinte questão: como tem se consolidado o campo dos Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática? Assim sendo, a priori buscamos percorrer sobre indícios da consolidação de tal campo e, em seguida, resgatamos alguns eventos e números temáticos de periódicos que oportunizaram debates sobre gêneros e sexualidades na Educação Matemática. Também destacaremos alguns nomes de pessoas que iniciaram os debates acerca dessa temática na Educação Matemática brasileira. Desse modo, espera-se evidenciar que o campo dos Estudos de Gênero e Sexualidades na Educação Matemática está em consolidação no Brasil.

Entraves para discussão sobre gêneros e sexualidades em Educação (Matemática)

É evidente a presença de mobilizações conservadoras que visam deslegitimar o trato das questões de gênero e sexualidades nas escolas. Fabiana Aparecida de Carvalho (2020), ao fazer uma genealogia acerca de como tais questões foram situadas no âmbito

⁶ A sigla LGBT é utilizada para se referir ao conjunto de pessoas que são lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros ou travestis. Portanto, é utilizada para retratar a diversidade sexual e de gênero. Na sua dimensão política, com a tentativa de ampliar a representatividade, soma-se à sigla LGBT outras letras como “I”, “A”, “P” e “N” que respectivamente denotam a população intersexo, assexual, pansexual ou não-binária. Além disso, comumente encontra-se a letra “Q” para se tratar de pessoas *queer*, termo estrangeiro que comumente se refere às pessoas que dissidem das cis-heteronormas, não se referindo necessariamente a uma identidade de gênero ou sexual. Por fim, pode se encontrar o símbolo “+”, para explicitar que existem outras identidades de gênero ou orientações sexuais que não estão abarcadas na sigla. Desse modo, encontra-se muitas possibilidades para se referir a população em questão. Neste artigo, optamos pela sigla LGBT, por compreender que nos meios acadêmicos ela tem sido utilizada com maior frequência.

⁷ “Not to engage with these possibilities for change would not only intensify the impact of heterosexism on LGBT youth but be damaging in a variety of ways to all learners” (Francis, 2017, p. 2, original)

político no Brasil, nota a elaboração de um “projeto de nação” que se baseia em fundamentalismo religioso e neoliberal e violenta a permanência da diversidade de gênero e sexual na Educação.

Na configuração desse projeto, as políticas públicas educacionais são substancialmente atingidas pelo desmanche, pois também acabam se tornando alvos dos pensamentos conservadores e dos barramentos da emancipação, criticidade, consciência social, incluindo os seus desdobramentos para os corpos, gêneros, sexualidades, bem como para a etnicidade, o pertencimento cultural, o pertencimento de classe e para a relação com os saberes diferenciados (Fabiana Aparecida de Carvalho; Adalberto Ferdnando Inocência, 2021, p. 249).

Ademais, interpretamos que inúmeros discursos conservadores se orientam na caça aos direitos de uma trajetória escolar inclusiva. Afinal, uma escola que preze pela inclusão de todes es indivíduos deve garantir que o debate sobre gêneros seja alçado, a fim de reafirmar o respeito para com a pluralidade de corpos e identidades e inibir processos de discriminação (Renata Porcellis; André Nogueira Alves; Márcia Helena Saaia Guimarães Rostas, 2024; Juliana Collares da Silva; André de Azambuja Maraschin; Catiúcia Anselmo Funari; Elena Maria Billig Mello; Sônia Maria da Silva Junqueira, 2020).

A fim de exemplificar como movimentos conservadores se situam no debate em questão, no site do Movimento Brasil Livre (MBL) vemos que uma das bandeiras defendidas por esse grupo é o “Fim de toda forma de discriminação oficial instituída por meio de cotas raciais ou de gênero”. Ora, diante deste contexto, se tornou comum comentários em redes sociais digitais que caminham contrários aos direitos de pessoas LGBTQ+ ou, ainda, que buscam de modo mais amplo salientar um conservadorismo sobre as questões de gênero e sexualidades, especialmente se utilizando de mentiras e percepções moralizantes. Contudo,

(...) não podemos negar que, se por um lado a comunicação móvel e ubíqua ampliou exponencialmente a forma como as notícias falsas propagam-se pelas redes, por outro lado temos hoje a oportunidade de construir, de forma colaborativa, estratégias de enfrentamento dos discursos falaciosos envolvendo gênero e sexualidade (Marcelle Medeiros Teixeira; Dilton Ribeiro Couto Junior, 2021, p. 213).

Cabe destacar que no contexto em que o excerto se refere a autora e o autor buscaram compreender os efeitos das *fake news* disseminadas nas redes sociais digitais

orientadas pelos movimentos antigênero no Brasil. Tais movimentos alimentam as campanhas eleitorais brasileiras a partir da segunda década do século XXI, um exemplo disso foi a eleição do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, em 2018. Essa figura pública se deleita em discursos contrários à uma Educação que trate as questões de gênero e sexualidades, argumentando que isso refletiria na sexualização precoce de crianças e, portanto, representaria um perigo para a chamada família tradicional brasileira (Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho; Fernanda Marina Feitosa Coelho; Tainah Biela Dias, 2018).

Com isso, nota-se que muitos são os entraves para tratar das questões de gênero e sexualidades nas escolas. Vemos desafios percorrendo sob o âmbito político e social elaborando um projeto que sustenta a negação do debate sobre tais marcadores. Indicamos que, para além disso, a discussão sobre gênero e sexualidades na Educação Matemática é tomada por mais uma barreira: a percepção de neutralidade da Matemática. Paradoxalmente, no entanto, entendemos que a própria ideia da Matemática como neutra a torna não neutra, uma vez que tal noção parte de uma negação da influência social, cultural e econômica exercida na Matemática e, portanto, é carregada de um posicionamento político sobre essa ciência.

Outrossim, em diversos momentos nos deparamos com situações que sugerem a Matemática como um local de discriminação: seja a pouca representatividade do corpo docente em termos de gêneros e sexualidades; a utilização dos conhecimentos desta área em contextos que reiteram as desigualdades; a influência da bagagem cultural dos professores que ensinam Matemática nas salas de aula; a alocação falsa dos saberes matemáticos acadêmicos como superiores aos produzidos pelos diversos grupos culturais, bem como dos conhecimentos de outras áreas; assim como uma designação generificada em quem poderia ser produzir, ensinar e aprender Matemática. Portanto, afirmamos com veemência que tanto o campo da Matemática quanto o da Educação Matemática foram construídos e seguem sendo moldados a partir de intencionalidades políticas e disputas de poder sobre quais corpos podem atuar neles e, principalmente, liderá-los.

Assim sendo, diante das influências que o meio externo as instituições escolares exercem sobre o currículo (Corazza, 2010), da pseudoneutralidade da Matemática e do cenário de alastramento do conservadorismo nesses espaços e no debate público acerca de políticas educacionais, resumidamente apresentado e que informa a presença de um poder exercido sobre corpos e identidades, lemos que pesquisadoras e grupos de pesquisa

que procuram discutir sobre gêneros e sexualidades no âmbito da Educação Matemática geram gestos de resistência, como já previsto por Michel Foucault (2019, p. 104)

– que lá onde há poder há resistência, e no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder. (...) As resistências não se reduzem a uns poucos princípios heterogêneos; mas não é por isso que sejam ilusão, ou promessa necessariamente desrespeitada. Elas são o outro termo nas relações de poder; inscrevem-se nessas relações como o interlocutor irreduzível.

Os gestos de resistência para esse autor são plurais. Sendo assim, acreditamos que quando pesquisadores e grupos de pesquisa realizam e participam de eventos acadêmicos, esses estão gerando resistência, uma vez que tais ambientes possibilitam o intercâmbio de olhares sobre os diversos temas de pesquisa e revelam disputas de narrativas. Na próxima seção, apresentaremos e analisaremos três eventos acadêmicos que ajudam a compreender como se situa o campo dos Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática.

Indícios da consolidação de um campo: Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática

O diálogo com os Estudos de Gênero e Sexualidades, proposto por algumas pesquisadoras e grupos de pesquisa se situa no âmbito da virada sociopolítica discutida por Gutiérrez (2013). A partir dela, Washington Santos dos Reis e Agnaldo Esquinalha (2022) afirmam que,

É importante pontuar que a virada sociopolítica não é uma virada temporal, na qual, a partir de um determinado momento, as referências e paradigmas foram sendo alterados. Ela é, sim, uma virada que ocorre de forma pontual no âmbito das posturas em pesquisas e coletivos de educadoras matemáticas, podendo estabelecer interlocuções e, assim, ocasionar uma ampliação de perspectivas e a criação de redes (Reis; Esquinalha, 2022, p. 62).

Rochelle Gutiérrez destaca, em 2013, que já se percebia entre educadoras matemáticas estadunidenses, que muitas se sentiam confortáveis em promover discussões a partir das perspectivas socioculturais e políticas em suas pesquisas e atuação docente. Mas, também ressalta que a maioria apresentava resistência e não parecia disposta a reconhecer e discutir a não neutralidade nos processos de ensino e de

aprendizagem de matemática. Nesse sentido, a autora pontua, na tradução de Reis e Esquincalha (2022, p. 63):

Eu uso o termo virada sociopolítica para me referir a um corpo crescente de pesquisadoras e profissionais que busca colocar o político em primeiro plano e se envolver nas tensões que cercam esse trabalho. A virada sociopolítica sinaliza a mudança nas perspectivas teóricas que veem o conhecimento, o poder e a identidade como entrelaçados e decorrentes (e constituídos dentro) dos discursos sociais (Gutiérrez, 2013, p. 40).

Sendo assim, essa virada empreende a consolidação de um campo com uma agenda própria e que considera, no caso aqui em discussão, os marcadores sociais de gênero e sexualidade como de interesse de pesquisa em Educação Matemática. Nos cabe, então, investigar a sua (in)existência ou (in)visibilização. Para tanto, nos atentaremos especificamente as realizações de eventos que coadunam as discussões sobre gêneros e sexualidades, porque Reis e Esquincalha (2022, p. 65) sugerem que “(...) faz-se necessário um irrompimento de manifestações por meio da apresentação dessas temáticas em eventos (...)”, a fim de possibilitar de fato uma virada sociopolítica na Educação Matemática em relação às discussões que consideram gêneros e sexualidades como parte de uma agenda de pesquisa no campo.

É importante informar que pesquisas sobre “mulheres na matemática” existem na literatura de pesquisa brasileira há muitas décadas, mas os primeiros trabalhos que, em Educação Matemática, se fundamentam nos Estudos de Gênero, são de Maria Celeste Reis Fernandes de Souza, produzidos durante o seu período de doutoramento (2005-2008), sob orientação de Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca, a Ção, na Universidade Federal de Minas Gerais.

A pesquisa de Celeste culminou, em 2010, no lançamento de um importante livro intitulado “Relações de Gênero, Educação Matemática e Discurso: enunciados sobre homens, mulheres e matemática”. Além delas, que ainda seguem com produção na área, mas não dedicadas exclusivamente ao tema, por mais de 15 anos não foram encontrados trabalhos brasileiros que fomentassem o avanço do então emergente campo dos Estudos de Gênero (e Sexualidades, ainda por vir) em Educação Matemática, embora as questões de gênero já começassem a aparecer.

De fato, outres pesquisadoras, a partir da década de 2010 e com maior frequência a partir dos anos 2020, também trazem discussões sobre relações de gênero em Educação

Matemática, muitos deles buscando fundamentação teórica dentro da própria área ou em articulação com os Estudos de Currículo, alguns já trazendo os Estudos de Gênero em uma produção ou outra. Nessa perspectiva, destacamos a ousadia de Deise Maria Xavier de Barros Souza, Deise Aparecida Peralta, Harryson Júnior Lessa Gonçalves, Vanessa Franco Neto, Edmar Reis Thiengo, Elenilton Vieira Godoy e Maurício Rosa. Em 2021, apenas em 2021, foi defendida a primeira tese brasileira com foco na educação matemática com pessoas LGBTQ+, por Denner Dias Barros, sob orientação de Ole Skovsmose, na Universidade Estadual Paulista, também com fundamentação teórica interna à Educação Matemática.

Em 2020 surge o MatematiQueer⁸, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro, liderado por Agnaldo da Conceição Esquinalha, com o intuito de *estranhar* a Matemática e a Educação Matemática a partir dos Estudos de Gênero, questionando: *que corpos podem fazer matemática?* Em poucos anos o grupo cresce bastante, o que é facilitado pelos encontros semanais virtuais, contando com pessoas de todas as regiões do país, e assume também uma vocação extensionista e para divulgação científica, mantendo-se ativo no YouTube⁹, Instagram¹⁰ e por meio do MatematiQueer Podcast¹¹, e oferecendo formação para licenciandes e profissionais que ensinam Matemática em temas relacionados às questões de gênero e sexualidades, inclusive com financiamento da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM).

Desses financiamentos foi possível a organização dos livros “Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática: tensionamentos e possibilidades” (Esquinalha, 2022) e “Estudos de Gênero: o que matemática tem a ver com isso?” (Esquinalha, 2024). O segundo livro foi fruto da oferta de um curso de extensão em escala nacional e em parceria com várias instituições, homônimo ao título do livro, introduzindo as temáticas: Gêneros e Sexualidades na Escola, Estudos de Gênero e Educação Matemática, Marcadores Sociais da Diferença e Interseccionalidade, Feminismos e Mulheres na Matemática, Travestilidade e Transexualidade na Escola, Pedagogia Queer e Educação Matemática, Práticas Pedagógicas Antimachistas, Antissexistas e AntiLGBTI+fóbicas nas Aulas de Matemática. Além disso, inclui 20

⁸ <https://matemati queer.org/>

⁹ <https://www.youtube.com/MatematiQueer>

¹⁰ <https://www.instagram.com/MatematiQueer>

¹¹ <https://podcasters.spotify.com/pod/show/matemati queer>

planos de aula produzidos por cursistas, a fim de servirem como exemplos e inspiração de atividades que podem explorar gêneros e sexualidades nas aulas de Matemática da Educação Básica.

O MatematiQueer conta com uma agenda direcionada por três linhas de pesquisa, a saber: i) Educação Matemática Crítica, Direitos Humanos e Justiça Social; ii) Relações de Gênero e Feminismos em Educação Matemática e iii) Minorias Sexuais, Alteridade e Educação Matemática. Em quase cinco anos de existência, já foram defendidas quatro monografias, quatro dissertações e quatro teses, além de realizadas 15 iniciações científicas.

Além do MatematiQueer, diversos outros grupos com uma agenda de pesquisa que articula a Educação Matemática e os Estudos de Gênero têm emergido em diferentes regiões do país, o que naturalmente tem implicado no aumento de publicações na área, que conta, inclusive, com os primeiros dossiês temáticos. Em 2023 o Boletim GPEM, mais antigo periódico de Educação Matemática do país, lançou um dossiê temático intitulado “Gênero e Educação Matemática”, contando com 14 artigos e 30 pessoas autoras de quatro regiões do país, ficando de fora apenas a região norte. Para 2024, mais dois dossiês: um da Perspectivas em Educação Matemática, intitulado “Debates contemporâneos sobre Gêneros (e/.) Sexualidades e Educação Matemática, organizado por Flavio Augusto Leite Taveira, Weverton Ataíde Pinheiro e Deise Aparecida Peralta, com 21 artigos e 38 pessoas autoras assimetricamente distribuídas pelas cinco regiões brasileiras e mais 4 pessoas autoras que vivem/atuam Estados Unidos da América; e outro da Revista Diversidade e Educação, intitulado “Gêneros e sexualidades: práticas e pesquisas desobedientes e libertárias na educação em ciências e na educação matemática”, editado por Sandro Prado Passos, Bettina Heerdt, Fabiana Aparecida de Carvalho e Yonier Alexander Orozco Marin, no qual este texto está publicado.

Em paralelo a isso, com o aumento das publicações em periódicos e das dissertações e teses defendidas no campo dos Estudos de Gênero em Educação Matemática, uma consequência natural tem sido o significativo aumento de submissões de trabalhos a respeito para eventos, em particular, nos eixos associados à Diferença e Inclusão, Currículo e Formação Docente. Destacamos a seguir três eventos e o destaque recebido pela temática.

Em 2023, no Instituto Federal do Espírito Santo, em Vitória, ocorreu a terceira edição do Encontro Nacional de Educação Matemática Inclusiva (ENEMI)¹², evento organizado pelo Grupo de Trabalho 13 da SBEM, intitulado “Diferença, Inclusão e Educação Matemática”. O evento contou com uma Mesa Redonda intitulada “Gênero e Sexualidade na Educação Matemática”, na qual Anna Luísa de Castro, Edmar Reis Thiengo e Vanessa Franco Neto foram palestrantes e Agnaldo da Conceição Esquincalha o coordenador. Além disso, de acordo com Glauber Carvalho da Silva, Flavio Augusto Leite Taveira e Agnaldo da Conceição Esquincalha (2024), a partir de um estado do conhecimento sobre os anais desse congresso acadêmico, se percebe que 19 trabalhos foram apresentados cujos temas envolvem as questões de gênero e sexualidades. Em edições anteriores, nenhum trabalho nesta temática havia sido submetido

Os pesquisadores explicam, com uma análise do material selecionado, que há uma emergência no debate sobre os marcadores sociais da diferença em destaque, e em articulação com outros, em uma perspectiva interseccional, especialmente para ampliar o que se entende por uma Educação Matemática Inclusiva. Em muitos desses trabalhos há um apelo para desconstruir a concepção da Matemática como neutra, denunciando processos que buscam invisibilizar e deslegitimar existências outras, de corpos estranhos, nas ciências ditas exatas. Assim, questiona-se a constituição predominantemente branca, masculinizada, cisgênero e heterossexual do campo em questão. Com isso, já se vê indícios da virada sociopolítica na Educação Matemática, uma vez que complementando a visão supracitada, as autorias Hugo dos Reis Detoni, Luísa Cardoso Mendes e Agnaldo da Conceição Esquincalha (2024, p. 11) explicam:

A virada sociopolítica da Educação Matemática reconhece que os processos de produção, ensino e aprendizagem de matemática são sociocultural, histórica e politicamente situados, e que faz diferença quem é a pessoa na compreensão de como é sua relação com a Matemática.

Ademais, Silva, Taveira e Esquincalha (2024) notam que alguns trabalhos mencionam ou são de membros do já citado MatematiQueer, grupo de pesquisa e extensão sediado na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Criado em 2020, tal grupo deseja implodir, a partir de estudos que estranhem o campo em questão, as hegemônicas

¹² <https://www.sbembrasil.org.br/ocs/index.php/ENEMI/enemi2023/schedConf/presentations>

estruturas presentes na (Educação) Matemática que desconsidera a diversidade de gênero e sexual como um tema a ser debatido.

Nesse sentido, diversas produções, no âmbito da pesquisa, foram realizadas como artigos acadêmicos, Trabalhos de Conclusão de Cursos de graduação, dissertações e teses, de modo a fomentar pesquisas no âmbito de uma virada sociopolítica na Educação Matemática, segundo os marcadores sociais gênero e sexualidade, pelo menos, mas considerando raça, classe, territorialidade, funcionalidades físicas e cognitivas, religiosidade e tantos outros.

Entretanto, em conformidade com o cenário ilustrado na seção anterior deste artigo, de espriamento do conservadorismo, diversos foram os ataques direcionados a este grupo nas redes sociais digitais, ressaltando os entraves para a discussão acerca de gêneros e sexualidades na Educação Matemática (Luísa Cardoso Mendes; Washington Santos dos Reis; Agnaldo da Conceição Esquinca, 2022; Detoni, Mendes; Esquinca, 2024). Apesar disso, o MatematiQueer não cessa, pelo contrário permanece atuante e em crescimento.

Em 2023, esse grupo na figura de Agnaldo da Conceição Esquinca, Erikah Pinto Souza e Hugo dos Reis Detoni, junto com Amanda Queiroz Moura, organizou um Simpósio Temático (ST) no XI Congresso Internacional de Diversidade Sexual e de Gênero, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O tema foi “Que corpos podem ocupar as ciências ditas exatas?”. Essa pergunta muito nos orienta para uma reflexão sobre como, segundo políticas de identidades atravessadas por relações de poderes, é autorizado o acesso, a permanência e o êxito de corpos que estranham a branquitude, a masculinidade, a heterossexualidade e a cisgeneridade que constituem predominantemente a Matemática e outras áreas das Ciências ditas Exatas. Na descrição deste ST¹³ se diz que

É urgente reconhecer essas ciências ditas exatas como produções humanas, histórico-cultural e socialmente situadas e que espelham as humanidades e intencionalidades políticas de quem as produz. Matemática, Física, Química e áreas afins devem ser “estranhadas” (na perspectiva dos Estudos Queer), assim como as práticas de ensino dessas disciplinas, para não naturalizar os estereótipos associados a quem se dedica e costuma ter sucesso nelas, desracializando-as, desgenerificando-as e dessexualizando-as, pelo menos. Mais que isso, criando mecanismos de fomento, visibilização e reconhecimento de

¹³ Disponível em: <https://cinabeth.com.br/simposios-tematicos>. Acesso em 26 set. 2024.

corpos políticos contra-hegemônicos na produção e recriação dessas áreas a partir da valorização das diferenças.

Ademais, neste simpósio temático, foram aceitos 23 trabalhos para serem apresentados. A partir dos títulos dos trabalhos, nota-se que Matemática, Física, Química e Computação – embora o predomínio de trabalhos tenha sido referente à Matemática – foram colocadas em xeque, perante diversos marcadores sociais da diferença como gênero, sexualidade, raça e classe. Trabalhos problematizaram a delimitação desses campos como neutros e apolíticos e abarcaram públicos de diversos lugares do país. Desse modo, o chamado acima foi atendido e se pôde desestruturar e abalar os múltiplos mecanismos que (re)produzem hegemonias nas Ciências ditas Exatas. É interessante denotar que muitos dos trabalhos especificaram o debate para assuntos referentes às (presenças de) mulheres nesses campos. Além disso, assim como ocorreu no III ENEMI, poucos trabalhos discutiram sobre a educação matemática de/com pessoas trans. No XI CINABETH nenhuma das apresentações abarcou a não-binariedade.

Por conseguinte, revela-se a demanda de espaços viabilizadores de debates sobre as questões de gênero e sexualidades nas Ciências ditas Exatas, especialmente com o objetivo de sistematizar uma virada sociopolítica na Educação Matemática. Desse modo, as experiências advindas desses eventos culminaram na realização da 1ª Escola de Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática (E²GSEM)¹⁴, que ocorreu entre 17 e 21 de junho de 2024, sob coordenação de Agnaldo da Conceição Esquincalha, online e com 50 horas de atividades oferecidas manhã, tarde e noite em todos os dias, para que os participantes pudessem escolher como e quando gostariam de participar.

A programação do evento contou com uma mesa de abertura composta por autoridades da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, reconhecendo a importância e prestigiando o evento, além de representantes da Comissão Organizadora. Contou ainda com uma conferência de abertura intitulada "Estudos de Gênero em Educação Matemática: a emergência de um campo", ministrada por Maria Celeste Reis Fernandes de Souza, com a participação de Erika Beniga e mediação de Edmar Reis Thiengo; e com uma Conferência de Encerramento, intitulada "Interrogating and Disrupting Mathematics Education as a White, Cisheteropatriarchal Space"¹⁵ e ministrada pelo pesquisador norte-americano Luis

¹⁴ Disponível em: <https://www.even3.com.br/e2gsem/>. Acesso em 26 set. 2024.

¹⁵ Interrogando e perturbando a Educação Matemática como um espaço branco e cis-heteropatriarcal.

Antonio Leyva, com mediação de Vanessa Franco Neto. Houve, ainda, uma conferência especial, intitulada “Identidades dissidentes na escola e na universidade: demarcando territórios”, ministrada por Joyce Alves da Silva, com mediação de Jónata Ferreira de Moura.

No E²GSEM ocorreram cinco mesas redondas, a saber: Mesa Redonda 1: “Mulheres Negras na (Educação) Matemática: representatividade e a importância do recorte interseccional”, com Manuela da Silva Souza, Maria do Carmo de Sousa, Simone Maria de Moraes e mediação de Daniele Costa Silva; Mesa Redonda 2: “Currículo, formação docente e práticas de ensino de matemática que considerem questões de gênero e sexualidade” com Débora Reis Pacheco, Ricardo Gomes Assunção e Weverton Ataíde Pinheiro e mediação de Elenilton Vieira Godoy; Mesa Redonda 3: “Mulheridades na Educação Matemática: trajetórias, maternagens, pesquisas e práticas docentes” com Débora da Silva Soares, Flávia Cristina Duarte Pôssas Grossi, Heloísa da Silva e mediação de Ana Paula Gonçalves; Mesa Redonda 4: “O ecoar de corpos dissidentes em ambientes de pesquisa em matemática pura e aplicada” com Ivana Soares Bandeira, Luciano Rila, Tiago Miguel Pires de Abreu e Luciana Aparecida Elias, que também realizou a mediação; Mesa Redonda 5: “Pessoas LGBTQ+ na Educação Matemática: trajetórias, pesquisas e práticas docentes” com Erikah Pinto Souza, Fernanda Veloso Saraiva da Silva, Janivaldo Pacheco Cordeiro e mediação de Denner Dias Barros.

Foram oferecidas ainda nove oficinas, 15 sessões para apresentações dos 116 trabalhos aprovados (de 123 submissões), uma sessão para reunião de grupos de pesquisa e uma sessão que apresentou os dados do evento, que atraiu 414 pessoas, sendo que 309 participaram de fato. Essas pessoas eram majoritariamente do Brasil, mas também de Chile, Colômbia, Estados Unidos da América e Inglaterra. Voltando ao território nacional, o evento não contou com pessoas participantes dos estados Amapá, Roraima e Sergipe, mas de todas as outras 24 unidades da federação, sim.

A sessão que reuniu grupos de pesquisa contou com a presença de 14 grupos que com mais ou menos foco, consideram as questões de gênero e sexualidades como relevantes para suas pesquisas em Educação Matemática. Destacamos os nomes e instituições de cada um dos grupos representados: Grupo de Pesquisa e Extensão MatematiQueer: Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática (Universidade Federal do Rio de Janeiro), NIEMS – Núcleo de Investigação em Educação Matemática e Sociedade (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), DEVIRES – Grupo de Pesquisa em Educação Matemática, Diferença e Inclusão (Instituto Federal do

Espírito Santo), GECUDEDIS – Grupo de Estudos Curriculares Decolonialidade, Diversidade e Subalternidade (Universidade Federal do Paraná), GFOPEM – Grupo Rondoniense de Estudos e Pesquisas em Formação de Professores(as) que Ensinam Matemática (Universidade Federal de Rondônia), P3RmiTA-SE² – Pesquisas em Resistência, Responsabilidade e Respeito, matematicamente incluindo as Tecnologias e a Aprendizagem-Situada em Espaços-Educativos (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Grupo Aya-Sankofa de Estudos Decoloniais e Afrocentrados em Educação Matemática (Universidade Federal de Pernambuco), GEduMaD – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática, Diversidade e Diferença (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), Educirs - Laboratório de Pesquisa em Educação em Ciências e Representações Sociais (Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro), GHOEM – Grupo de História Oral e Educação Matemática (Universidade Estadual Paulista), NIPAC – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Avançadas em Currículo (Universidade Estadual Paulista), EduTec.Utf: Grupo de Pesquisa em Práticas e Políticas Educacionais na perspectiva da Educação Tecnológica (Universidade Tecnológica Federal do Paraná), HEMMSUT – Grupo de Pesquisa em História, Educação Matemática e Mulheres: Saberes, União e Trajetórias (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) e NIEMATHS – Núcleo de Investigação e Estudos em Educação Matemática, História e Sociologia (Universidade Federal do Triângulo Mineiro).

Com isso, se esperava que os integrantes se conhecessem e novos horizontes fossem alçados para o campo dos Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática, compartilhando angústias, dificuldades e felicitações encontradas e enfrentadas.

Para mais, inexistia um evento que se destinava especificamente para as discussões desejadas sobre os Estudos de Gênero em Educação Matemática, ou de modo mais amplo, diversidade de gênero e sexual como questão-mote nos estudos em Educação Matemática, embora os eventos citados (ENEMI e CINABETH) estivessem evidenciando que muitas pesquisas estavam sendo realizadas na área e havia procura para constituição de um novo espaço de debate. Portanto, a realização da E²GSEM era emergente e, de alguma forma, urgente. O número de grupos de pesquisa representados e de pesquisadoras e estudantes isolados mostrou isso. A proposta era, de fato, incomodar e desobedecer as imposições regidas por poderes que incessantemente buscam deslegitimar o papel sociopolítico exercido pela Educação Matemática. Assim, corpos que estranham as hegemonias presentes na (Educação) Matemática foram notificados. Entendemos que

a E²GSEM, portanto, se situa como uma prática libertária, que possibilita esperar a instituição de pesquisas e espaços que, usando nossa epígrafe, “não queimem as bruxas, mas que amem as bixas”.

Considerações Finais

A discussão sobre gêneros e sexualidades na Educação Matemática é uma prática desobediente, quando se pensa nas estruturas hegemônicas deste campo de estudo e pesquisa. Dessa maneira, muitos são os entraves para alçar os necessários debates que denotam o papel sociopolítico da (Educação) Matemática. À exemplo disso, no Brasil, nota-se a proliferação do conservadorismo, que desconsidera a necessidade de uma Educação (Matemática) sensível às questões de gênero e sexualidades. Para mais, a alocação da Matemática como supostamente neutra se revela como uma dificuldade para pensar numa Educação Matemática que compreende a relevância de tratar os marcadores sociais da diferença, não só os aqui mencionados.

Entretanto, ao investigar como tem se consolidado o campo dos Estudos de Gênero e Sexualidades na Educação Matemática, notamos que práticas libertárias têm ocorrido nesta área. Muitos são os nomes de autoridades que buscam, no Brasil, garantir que o debate sobre gêneros e sexualidades ocorram na Educação Matemática. Além disso, o que vemos com a análise realizada sobre o III ENEMI, o XI CINABETH e 1^a E²GSEM são movimentações no âmbito acadêmico que mostram que, apesar de recente, o campo dos Estudos de Gênero e Sexualidades na Educação Matemática já está em fase de consolidação. Afinal, nota-se novas posturas em pesquisas para garantir um debate sobre as questões de gênero e sexualidades pela Educação Matemática, exercidas por pesquisadoras da área, e a criação de uma rede, a fim de ampliar as perspectivas sobre essas discussões. Ademais, evidentemente os eventos e seus trabalhos buscam afastar a ideia de neutralidade usualmente atribuída à Matemática, considerando as influências históricas, culturais, sociais e políticas que são exercidas nela.

Por conseguinte, afirmamos que o campo dos Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática está em consolidação. Isso nos permite esperar um horizonte em que a Educação Matemática não se esvazie do seu papel social, de modo a garantir pesquisas que respeitem a diversidade de gênero e sexual, assim como espaços para que todos os indivíduos possam se sentir confortáveis e respeitados nas Ciências ditas

Exatas, sonhando, ainda, com um tempo em que perguntas como “Que corpos estão autorizados a fazer Matemática?” não precisem mais ser feitas.

Referências

ALMEIDA, Heloísa Buarque de; SIMÕES, Júlio Assis; MOUTINHO, Laura; SCHWARCZ, Lília Moritz. Numas, 10 anos: um exercício de memória coletiva. In: ROZA, Gustavo Santa; MARINI, Marisol; LORENZO, Rocio Alonso; SIMÕES, Júlio Assis; CANCELA, Cristina Donza (Orgs.). *Marcadores sociais da diferença: gênero, sexualidade, raça e classe em perspectiva antropológica*. 1 ed. São Paulo, SP: Terceiro Nome; Gramma, 2018, v.1, p. 9-30. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4348136>. Acesso em 15 set. 2024.

CARVALHO, Fabiana Aparecida de. Para além de “meninas vestem rosa, meninos vestem azul”: As conjunturas e as ideologias nos novos rumos da educação para os gêneros e as sexualidades. *Educação*, v. 45, n.1, p. 1-30, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984644439468>.

CARVALHO, Fabiana Aparecida de; INOCÊNCIO, Adalberto Ferdnando. O desagendamento da educação para os corpos, gêneros e sexualidades: um projeto neoliberal, um arranjo neoconservador e as várias pedagogias fascistas. *Instrumento: Revista de estudo e pesquisa em Educação*, v. 23, n.2, p. 236-257, maio/ago., 2021. DOI: <https://doi.org/10.34019/1984-5499.2021.v23.33867>.

CORAZZA, Sandra Mara. *O drama do currículo: pesquisa e vitalismo e criação*. In: IX ANPED SUL Seminário de pesquisa em Educação da Região Sul, 2012. Anais... Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/view/128/786>. Acesso em 16 ago. 2024.

CORAZZA, Sandra Mara. Os sentidos do currículo. *Revista Teias*, v. 11, n. 22, p. 149-164, maio/ago, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24120>. Acesso em 10 ago. 2024.

DETONI, Hugo dos Reis; MENDES, Luísa Cardoso; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. O MatematiQueer como locus de resistência à escalada do conservadorismo e fomento à formação em Gêneros, Sexualidades e Educação Matemática. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 7, e16169, 2024. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/16169>. Acesso em 25 set. 2024.

ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição (Org.). *Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática: tensionamentos e possibilidades*. Brasília, DF: SBEM Nacional, 2022. Disponível em: <https://www.sbembrasil.org.br/ebook/ebook28.pdf>. Acesso em 10 set. 2024.

ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição (Org.). *Estudo de Gênero: o que matemática tem a ver com isso?* Brasília, DF: SBEM Nacional, 2024.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Traduzido por Maria Thereza de Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 9ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FRANCIS, Dennis A. Homophobia and sexuality diversity in South African schools: A review. *Journal of LGBT Youth*, v. 14, n. 3, p. 1-21, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/19361653.2017.1326868>.

FURLAN, Cássia Cristina; MAIO, Eliane Rose. Pedagogias do corpo: é possível a escola ser um espaço de reconstrução? In: MESSEDER, Suely; CASTRO, Mary G.; MOUTINHO, Laura (Orgs.). *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 157-179. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788523218669>.

GUSE, Hygor Batista; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. Por uma Educação Matemática Desviante das (Cis-hetero) normas: o que dizem as pesquisas envolvendo pessoas LGBTI+?. *BOLEMA*, v. 36, n. 74, p. 944-970, dez. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-4415v36n74a01>.

GUSE, Hygor Batista; WAISE, Tadeu Silveira; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. O que pensam licenciandos(as) em matemática sobre sua formação para lidar com a diversidade sexual e de gênero em sala de aula?. *Revista Baiana de Educação Matemática*, v.1, p. 01-25, 2020. <https://doi.org/10.47207/rbem.v1i.9898>

GUTIÉRREZ, Rochelle. The Sociopolitical Turn in Mathematics Education. *Journal for Research in Mathematics Education*, v. 44, n. 1, p. 37-68, 2013. <https://doi.org/10.5951/jresmetheduc.44.1.0037>

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n.2, p. 17-23, maio/ago, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000200003>.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. *Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores*, v. 3, n. 4, p. 62-70, 2011. Disponível em: <https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/31>. Acesso em 15 set. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2023. p. 07-42.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque; COELHO, Fernanda Marina Feitosa; DIAS, Tainah Biela. “Fake news acima de tudo, fake news acima de todos”: Bolsonaro e o “kit gay”, “ideologia de gênero” e fim da “família tradicional”. *Correlatio*, v. 17, n. 2, p. 65 – 90, 2018. Disponível em:

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/9299>. Acesso em 06 jan. 2023.

MENDES, Luísa Cardoso; REIS, Washington Santos dos; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. Por que algumas pessoas se incomodam com a pesquisa sobre gêneros e sexualidades em Educação Matemática? In: ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição (Org.) *Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática: tensionamentos e possibilidades*. Brasília, DF: SBEM Nacional, 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1dOiY-dNhCCcohOPFUJY1qYGMTRpsIWWO/view>. Acesso em 20 set. 2024. p. 24-46.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José (Orgs.). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. p. 123-148

PISCITELLI, Adriana; BELELI, Iara; LOPES, Maria Margaret. Cadernos Pagu: Contribuindo para a consolidação de um campo de estudos. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n.1, p. 242-246, jan/jun, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000100015>.

PORCELLIS, Renata; ALVES, André Nogueira; ROSTAS, Márcia Helena Savaia Guimarães. A urgência do debate: gênero e diversidade em um projeto para adolescentes. *Revista Diversidade e Educação*, v. 12, n.1, p. 816-832, 2024. DOI: <https://doi.org/10.14295/de.v12i1.17324>.

REIS, Washington dos Santos; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. Por uma virada sociopolítica: a importância da discussão sobre gêneros e sexualidades nas aulas e na pesquisa em (Educação) Matemática. In: ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição (Org.) *Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática: tensionamentos e possibilidades*. Brasília, DF: SBEM Nacional, 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1dOiY-dNhCCcohOPFUJY1qYGMTRpsIWWO/view>. Acesso em 20 set. 2024. p. 61-82.

SILVA, Glauber Carvalho da; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. *Matemática, Literatura e a luta contra o machismo na escola*. In: Anais do XV Encontro Paulista de Educação Matemática, 2023. Anais... Disponível em: <https://www.even3.com.br/ebook/xv-epem-encontro-paulista-de-educacao-matematica-294768/619866-MATEMATICA-LITERATURA-E-A-LUTA-CONTRA-O-MACHISMO-NA-ESCOLA>. Acesso em 14 set. 2024.

SILVA, Juliana Collares da; MARASCHIN, André de Azambuja; FUNARI, Catiúcia Anselmo; MELLO, Elena Maria Billig; JUNQUEIRA, Sônia Maria da Silva. Gênero e sexualidade na BNCC: uma análise sob a perspectiva freireana. *Revista Diversidade e Educação*, v. 8, n. 2, p. 152-176, jul./dez., 2020. <https://doi.org/10.14295/de.v8i2.12104>.

TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Fake news e pós-verdade na era da comunicação móvel e ubíqua: analisando as dinâmicas dos movimentos antigênero no Brasil. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 205-219, jan./jun., 2021. <http://dx.doi.org/10.3895/cgt.v14n43.11971>

Recebido em outubro de 2024.

Aprovado em dezembro de 2024.

